

Parceiros Violentos E A Construção Midiática Das Vítimas Femininas¹

Claudia Regina LEMES²

Secretaria Estadual de Educação de São Paulo - SEESP

Paulo Roxo BARJA³

Universidade do Vale do Paraíba

RESUMO

Vivemos em uma sociedade em que a mercantilização tem dominado todos os setores da vida pública e privada. Os valores tem se tornado o valor do dinheiro. O corpo passa a ser mercadoria. Este artigo tem base na pesquisa nas redes sociais das notícias dos casos de violência contra a mulher mais veiculados desde a morte de Ângela Diniz até a atualidade, buscando-se compreender a paridade destas vítimas na questão social e valorativa conforme a lógica de mercado denunciada pela escola de Frankfurt, que fundamenta teoricamente este trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa; mercantilização; mulher; violência.

INTRODUÇÃO

A visão do mundo social, foi construído de forma a privilegiar a visão e a voz masculina porque foi construído por homens - e reproduzido tanto por homens como mulheres. A dominação do homem contra a mulher remonta dados históricos e culturais. Na idade média a mulher pertencia ao espaço privado do lar e o homem, por pertencer ao espaço público, exercia funções mais valorizadas e, se estabelecia como ser político: ou seja pertencente à polis. O desenvolvimento tecnológico, a globalização, entre outros fatores, trouxeram uma mudança representativa nas formas de relacionamentos interpessoais que vieram afetar diretamente o âmbito das famílias e conseqüentemente a hierarquização e dominação entre homens e mulheres.

Esta trajetória histórica marca a posição de que a dominação do homem contra a mulher não é natural, mas uma construção cultural.

No contexto brasileiro, a mulher foi vítima da construção - ainda arraigada na cultura - de sexo frágil e belo, mãe, recatada, dona de casa, esposa fiel e trabalhadora do lar. São

1 Trabalho apresentado no GT 8 Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2016.

2 Mestre em Semiótica e Educação – diretor de escola da Rede Estadual de Ensino: email: claurlemes@gmail.com

3 Doutor em Física, Músico e escritor. Professor da Faculdade de Comunicação da UNIVAP. email: barja@univap.br

construções socioculturais tradicionais que construíram uma identidade de mulher e que por muito tempo enreda a figura feminina delimitando as possibilidades de movimentação na sociedade.

Enquanto esta posição é aceita, sem contestações, tudo flui sem grandes conflitos. O problema surge, justamente, no momento em que ocorre a rejeição destes papéis sociais impostos e da busca por maior liberdade de movimentação no âmbito desta sociedade impositiva.

DISCUSSÃO

A lógica da disputa, da apropriação e dominação geram violência e, em consequência disto, o poder do mais forte tende a gerar e oprimir suas vítimas. Estas vítimas não são fixas, pois de acordo com as relações que se estabelecem, as posições de opressores e oprimidos vão se reconfigurando, conforme os “valores” dos papéis exercidos na sociedade. São muitos os casos em que as mulheres se encontram na condição de vítimas de seus parceiros e nesta condição são assassinadas. A mercantilização do corpo – em particular, do corpo da mulher – leva a sofrimentos físicos e psicológicos que frequentemente culminam em atos violentos; gera um sistema de hierarquização de pessoas, pressionando e criando sistemas de opressão dos considerados “bons” ao mesmo tempo que reduz a autoestima dos considerados ruins.

A recente conquista de espaços muitas vezes tem colocado a mulher, paradoxalmente, em situação de risco social, devido aos mitos e preconceitos que resultam de séculos de relações desiguais de poder entre homem e mulher. Os reflexos deste fenômeno atingem as mulheres, retirando-lhes a liberdade, causando medo e insegurança. A violência sofrida pela mulher não se restringe a raça, religião ou idade, podendo acontecer em qualquer ambiente. Na maioria das vezes, as vítimas estão ligadas emocional e afetivamente ao agressor.

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) mostram que, a cada cinco mulheres, três já sofreram violência em relacionamentos afetivos. No entanto, a grande

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

maioria dos casos são invisíveis para a mídia, enquanto casos específicos tornam-se ícones, sendo insistentemente veiculados nas diversas fontes comunicacionais.

Adorno (1996), referenciando-se à indústria cultural defende que existem padrões e estereótipos produzidos pelo mercado cultural em que os “chefes da cultura” estabelecem quem será notícia de acordo com as suas próprias intenções mercantis e levando em conta as semelhanças, gostos, atitudes e padrões de seu público: “*É como se um poder onipresente houvesse examinado o material e estabelecido o catálogo oficial dos bens culturais que orna brevemente as séries disponíveis*” (ADORNO, p. 6, 1996)

Observa-se que atualmente que as mídias que veiculam as notícias, expostas neste artigo à luz da reflexão, atuam no sentido de uma construção muitas vezes performática das vítimas de parceiros violentos que não condiz com a realidade fenomenizada na sociedade.

Demonstramos nos dados estatísticos apontados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) que entre 2001 a 2011 houve uma ocorrência de mais de 50 mil feminicídios, como demonstramos na Tabela 1

ANO	MÊS	DIA	HORA
5.664- MORTES	472- MORTES	15,52- MORTES	1- MORTE A CADA 1h30min

Tabela 1- Mulheres Assassinadas No Brasil

As pesquisas ainda apontam que de cada 5 mulheres, 3 já sofreram violência em relacionamento afetivo. Esta dominação se revela de diferentes formas – tanto as mais escancaradas como a violência física (que é também uma forma perversa de dominação) como as mais sutis e difíceis de serem detectadas. Existem armadilhas discursivas nas quais somos as vezes capturadas. O senso comum se manifesta muitas vezes por meio de comportamentos e atitudes que propagam conceitos mal elaborados que

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

disseminam preconceitos. É importante destacar que o discurso feminino não é necessariamente aquele enunciado pela mulher, mas prioritariamente um discurso sob o olhar feminino que pode e deve ser proferido por pessoas de todos os sexos. É possível detectar discursos machistas elaborados por mulheres e homens o tempo todo. Isto acontece devido a uma construção cultural de valores machistas. A naturalização da violência contra a mulher por parte do parceiro é revelada na análise de dados do IPEA, que aponta em uma pesquisa que espontaneamente apenas 8% das mulheres admitem já terem sofrido violência por parte de seus parceiros e 4% dos homens admitem já terem cometido violência contra as suas parceiras. Mas que no entanto quando se dá exemplo de atos violentos como ameaçar, xingar, humilhar, controlar, impedir de sair ou de usar determinada roupa, entre outros, 55% dos homens declararam terem cometido tais práticas e 66% das mulheres afirmara terem sido alvos de ações destes tipos. Isto demonstra que a violência contra a mulher é bem maior do que a mídia tradicional e mesmo a alternativa (como as atuais redes e comunidades virtuais), veiculam. Destacamos que este tipo de violência acontece todos os dias, nas diversas camadas sociais. Propomos aqui a observação da construção midiática – das vítimas de violência contra a mulher que marcam as notícias e por consequência o imaginário popular. Com base na pesquisa nas redes sociais das notícias dos casos de violência contra a mulher mais veiculados desde a morte de Ângela Diniz até a atualidade, observamos que foram os mais destacados casos de violência e assassinato de Eloá Pimentel, em 2008; da modelo Eliza, namorada do goleiro Bruno do Flamengo, em 2009; Mércia, em 2010. Foram mostradas nas mídias tradicionais e nas redes sociais diversas imagens que destacavam o perfil de mulheres atraentes, alegres, festivas que posavam para imagens de revistas ou de Facebook. Como podemos observar as imagem de Ângela Diniz que foi assinada em 30 de dezembro de 1976, na cidade de Búzios RJ por seu companheiro, Doca Street em crime que foi amplamente divulgado em jornais e televisão da época. Na na Figura 1: Angela Diniz.

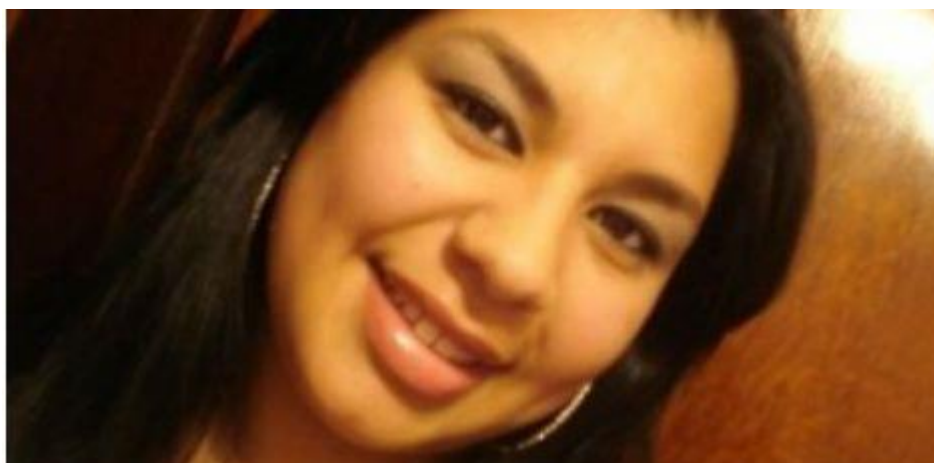
Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016



A Figura 1 de O Globo, mostra a imagem da socialite carioca Ângela Diniz que foi assassinada em 1976.

A Figura 2 mostra a imagem da adolescente de 15 anos, Eloá Cristina, que em 13 de outubro de 2008, foi assassinada por Lindemberg Fernandes Alves, em sua casa, na cidade Santo André, onde ela e colegas faziam trabalhos de escola.



A Figura 2 da UOL, mostra a imagem da estudante de 15 anos – Eloá que foi assassinada em 2008, por seu namorado. O crime aconteceu no interior de sua casa que foi invadida pelo assassino.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

A Figura 3 da G1 mostra a imagem da modelo Eliza Samúdio. A vítima prestou várias queixas de agressão contra o então goleiro do Flamengo, Bruno, por ter sido espancada, mantida em cárcere privado e obrigada a tomar substâncias abortivas. Em julho de 2010 o seu desaparecimento começou a ser tratado como homicídio.



A Figura 3 da G1 mostra a imagem da modelo Eliza Samúdio.

A Figura 4 do Último Segundo, mostra a imagem da advogada Mércia Mikie Nakashima de 28 anos, que foi assassinada pelo ex-namorado, Mizael, na cidade de Nazaré Paulista interior de São Paulo, em 23 de maio de 2010.



A Figura 4 - Mércia Mikie Nakashima

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Certamente todos os dias muitas Mércias, Eloás, Elisás, Angelas e, Marias carregadas, de toda a diversidade étnica, social, cultural e física das mulheres do Brasil, com suas dimensões continentais, são mortas por seus parceiros.

De Norte a Sul os dados estatísticos e as entidades de atendimento demonstram a barbárie da violência contra a mulher no Brasil, sem levar em conta que o que aparece nestas estatísticas são apenas dos dados que são revelados e notificados. Sabemos que o que aparece é, na verdade, só a ponta de um imenso iceberg. Ou seja: o tamanho real desta problemática ainda reside no “fundo de um oceano” alimentado pelo complô do silêncio da cultura que prega que “em briga de marido e mulher; não se mete a colher”. Muitas vítimas passam despercebidas porque carregarem em si o ranço da cultura do silêncio.

No entanto, existe um outro silêncio que de certa forma é mais danoso e alimenta a cultura da invisibilidade de classes e categorias de vítimas noticiadas pelas mídias.

Observamos que mulheres com um padrão físico estético, jovial, um rosto considerado belo, sorriso que demonstra dentes saudáveis e bem tratados, cabelos soltos e brilhantes, como os de uma propaganda de xampu, são os dos corpos vitimados os mais explorados pelas mídia.

Os rostos das vítimas que permanecem por meses nas telas da televisão e nos imagens da mídia impressa, têm o mesmo padrão das modelos do comercial de creme dental ou do produto para tratamento da pele.

No entanto, a mulher empobrecida, vestida de forma simples, cheirando produto de limpeza, que apanha de seu parceiro e que alimenta, diariamente, de forma densa, a estatística de violência doméstica contra a mulher não aparece. A imprensa impressa ou televisiva, explora abusivamente a imagem - também tão vítima quanto qualquer outra - da mulher “bonita” transformando-as em modelo da violência contra o gênero feminino, pela indústria da notícia.

Adorno (1996) criticando a indústria cultural, já afirmava que tudo o que surge é submetido a um estigma tão profundo que chega ao ponto em que, tudo traz antecipadamente as marcas de um jargão sabido, aprovado e reconhecido como padrão.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Nada é produzido sem que se passe pela seleção da indústria cultural que delimitará o que será notícia e o que será reduzido ao silêncio:

É este o ideal da naturalidade em cada ramo, que se afirma tanto mais imperiosamente quanto mais a técnica aperfeiçoada reduz a tensão entre a imagem e a vida cotidiana. Percebe-se o paradoxo da *routine*, disfarçada em natureza, em todas as manifestações da indústria cultural, e em muitas ela se deixa apalpar. (ADORNO, p. 12, 1996)

O próprio autor compara a estilização da cultura e a tentativa de naturalização dos estilos criados pela indústria que a produz ao sistema que na verdade é o da incultura, ou mesmo de uma barbárie estilizada.

CONCLUSÃO

Vivemos em um mundo de imagens e signos que compõem a cultura de massa. É um mundo que causa a sensação de revolução tecnológica. No entanto a verdadeira revolução só poderia ser aquela que permitiria a todas as pessoas serem informadas e produtoras de suas próprias imagens e informações. A cultura de massa, produzida pela indústria cultural visa o mercado, portanto torna-se alienadora, por estar enredada na malha capitalista que produz a barbárie. Sendo assim, notícia tomada como produto, que, será consumida pelo público, tende a reconstruir midiaticamente a suas vítimas, conforme a lógica do mercado. As violência doméstica é uma problemática muito maior do que a mídia tende a mostrar, pois nem todas as vítimas estão necessariamente nos padrões de beleza das imagens femininas que são tornadas produtos vendáveis, ilustradores das notícias.

REFERÊNCIAS

_____ Teoria da Semicultura, Educação e Sociedade, Campinas, ano XVII dez. 1996.

Adorno W. Indústria Cultural. São Paulo: Ática, 1986.

ÂNGELA DINIZ. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=%C3%82ngela_Diniz&oldid=47066290>.

Acesso em: 28 out. 2016.

CASO ELIZA SAMUDIO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Caso_Eliza_Samudio&oldid=46625450>.

Acesso em: 4 set. 2016.

CASO ELOÁ CRISTINA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Caso_Elo%C3%A1_Cristina&oldid=46059453>. Acesso em: 2 set. 2016.

CASO MÉRCIA NAKASHIMA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Caso_M%C3%A9rcia_Nakashima&oldid=45539392>. Acesso em: 6 out. 2016.

O GLOBO: Dez crimes que chocaram o Rio de Janeiro -Série relembra casos que mobilizaram a sociedade.disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/dez-crimes-que-chocaram-rio-de-janeiro-17845895>. Acesso em 04 dez/2016.

O GLOBO: Primo de Bruno diz que corpo de Eliza Samudio está perto de Confins. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/07/primo-de-bruno-diz-que-corpo-de-eliza-samudio-esta-perto-de-confins.html>: Acesso em 04 dez/2016

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

SERPONE, Fernando especial para o iG | 02/06/2011 11:00:00, CASO MÉRCIA - Advogada foi morta em maio de 2010. Ex-namorado Mizael Bispo é acusado do crime. Ele está foragido: Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/crimes/caso-mercias-nakashima/n1596994404110.html>. Acesso em 04 dez/2016

UOL: Justiça de SP nega indenização à família de Eloá por ação da polícia. Disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/brasil/noticia/2015/06/30/justica-de-sp-nega-indenizacao-a-familia-de-elo-a-por-acao-da-policia-188238.php>. Acesso em: 04 dez/2016